

Causas da crise energética

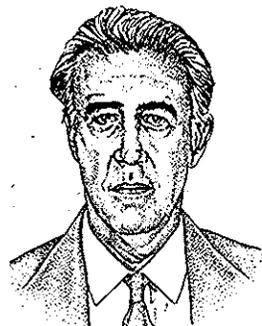
Luís Antonio Ribeiro Pinto *

Muitas soluções poderiam ter sido adotadas para minorar, ou mesmo evitar, a atual falta de energia, mas não foram concretizadas em tempo, em grande parte, devido à execução incompleta, ou imperfeita, do projeto de liberalização da economia implementado pelo governo nos últimos anos, que não foi acompanhado de adequada regulamentação, inibindo assim os necessários investimentos, quer do setor público, quer do setor privado.

O planejamento energético do País limitou-se a atender a certos lobbies, como o do petróleo que concentrou em si as atenções e iniciativas do governo em busca da decantada auto-suficiência (em vez de economizar nossas reservas que valerão ouro em futuro bem próximo) e na promoção do uso do gás natural importado. Ao mesmo tempo, infelizmente, soluções altamente viáveis para geração de energia renovável foram descartadas ou simplesmente ignoradas.

Um dos exemplos mais gritantes é oferecido pelo setor sucroalcooleiro nacional, que é visto injustamente pela mídia e

por muitas repartições do governo como um setor ineficiente, quando na verdade é reconhecido internacionalmente como o conjunto agroindustrial mais eficiente do mundo atual. E esse setor está nas mãos de cerca de 400 empresários brasileiros... (Será esse o problema?)



Pois foi esse mesmo setor, também responsável pela produção de álcool combustível de biomassa, que já representou 56% do mercado de combustível para veículos leves (ciclo Otto) e que substitui até hoje aproximadamente 190 mil barris por dia de gasolina equivalente por energia renovável, não poluente e geradora de empregos, que apresentou nos idos de 1987 um grande plano para gerar energia elétrica em quantidade equivalente à metade da energia gerada por Itaipu a um décimo ou menos do seu custo de investimento equivalente, a partir do bagaço, palha e folhagem da mesma cana-de-açúcar utilizada na fabricação de açúcar e álcool. Ou seja, sem ter de plantar mais, apenas utilizando equipamentos e aproveitando a palha! Além de tudo isso, essa energia seria gerada no período de seca, e portanto crítico para o parque instalado



de geração, fortemente dependente de geração hidrelétrica.

Tudo o que era necessário para implementar o plano, um verdadeiro proálcool energético, era liberar o preço do kW gerado, ou seja, permitir ao produtor privado vender sua energia ao mesmo preço das distribuidoras, e condições de financiamento compatíveis com custos e padrões internacionais. Grita geral das geradoras e distribuidoras, muito trabalho de bastidores: como pagar o mesmo preço? E ainda querem financiamento? E, assim, nada foi feito... E todo esse imenso potencial energético continua,

aparentemente, solenemente ignorado pelo plano de emergência do governo, com crise e tudo!

Ao mesmo tempo, devido à falta de percepção do quanto já atingimos, e embora seja hoje perfeitamente competitivo a

Soluções viáveis para geração de energia renovável foram ignoradas ou descartadas

preços de mercado com combustíveis de origem fóssil, o álcool vai se acabando no Brasil ao mesmo tempo que serve de modelo no exterior. O senador Lugar, presidente da Comissão de Agricultura do Senado americano, e que já esteve duas vezes no Brasil para observar o Proálcool, acaba de apresentar projeto de lei que eleva a

demanda americana por etanol combustível para 19 bilhões de litros por ano, até o final desta década. A Austrália, a Tailândia, a Índia, a Suécia, o México e a França seguem os mesmos passos na construção de iniciativas semelhantes à brasileira. Enquanto isso, no Brasil produzimos os mesmos 12 bilhões de litros de 15 anos atrás, embora a produção já tenha atingido 15,4 bilhões de litros e a capacidade instalada seja superior a 16 bilhões de litros por ano. Aos poucos a frota de carros a álcool vai se sucateando, sem perspectiva de recuperação. Será só incompetência? ■

* Engenheiro mecânico e eletricista e presidente da Santal Equipamentos S/A.

Documentação

Fonte: G M

Data: 19/06/2001

Class: H 8

Página: 12